

Apresentação

Cornelia Eckert

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Porto Alegre, RS
chicaeckert@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0002-2815-7064>

Alessandro Ricardo Campos

Universidade Federal do Pará, Brasil
Belém, PA
ricardocamps52@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4211-8272>

A narrativa biográfica, o relato biográfico e a autobiografia são formas humanas de organizar as experiências da vida cotidiana, de pensar o tempo vivido que fazem sentido para o narrador e para a narradora. Como nos ensinou Paul Ricoeur (1994: 85), “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”. Certamente as narrativas, os relatos, acompanham o trajeto da humanidade desde sempre, e herdamos muitos mitos e histórias. A literatura se fartou dessa metodologia com relatos reais ou ficcionais. Para nós, neste número temático da Revista *Illuminuras*, importa exaltar a narrativa biográfica e como esta metodologia se consolida no campo das ciências humanas e sociais.

No campo científico, destacamos alguns caminhos percorridos transitados pela biografia como método na antropologia, sociologia e história. Sem nos alongarmos nessa perspectiva revisionista, iniciamos pela história ou, mais especificamente, pelo movimento definido como a nova historiografia, que ganha visibilidade em meados do século XX, em especial nos contextos britânicos e franceses, como testemunha a obra do historiador inglês Paul Thompson em seu célebre livro *A voz do passado* (1978), dando para a história oral um status ainda negligenciado no âmbito da clássica disciplina. Resultado de processos revolucionários ao longo dos séculos em que a cultura ocidental se torna hegemônica, a história se abre para novas bases metodológicas a partir da perspectiva de fontes orais, testemunhos biográficos que estruturam argumentos de politização e consciência de pertencimento social, de classe, de grupo, considerando tanto valores de tradição quanto expressões de modernidade política por liberdade e democracia, de justiça e igualdade. Podemos destacar a década de 60, em que transformações de ordem político-cultural são acionadas na Europa e na América, como contexto em que a nova historiografia francesa, entre outras, consolida uma escola sobre o novo fazer historiográfico. Ao lado de métodos consagrados de análise de fontes arqueológicas e escritas, a chamada nova historiografia, segundo Jacques Le Goff, era uma reação contra a história positivista predominante no século XIX (1978: 38), ampliando suas fontes documentais de forma crítica e reflexiva sobre os fatos históricos. O testemunho oral registrado e escutado pelo/a historiador/a ganha credibilidade ao lado de fontes arquivísticas, demográficas e estatísticas, consolidando a história das mentalidades graças aos avanços de estudos psicanalíticos e da política (e economia) moderna.

Essa preocupação com o valor temporal é característica igualmente no campo disciplinar antropológico. Quando a disciplina nasce no século XIX, se dedica aos relatos (orais e escritos) de lendas, mitos e costumes. No século XX, por influência da emergente psicologia britânica, Bronislaw Malinowski se dedica a observar e escutar relatos de interlocutores das ditas culturas distantes para considerar seus aspectos sócio-organizacionais ditas sincrônicas. No contexto norte americano, se destaca um mestre inspirador o alemão (Prússia) Franz Boas, radicado nos Estados Unidos, e por isso também definida como escola boasiana. Abordando as mudanças e transformações sociais interpretadas de forma comparativa aos fenômenos econômicos e políticos propulsores, a reflexão diacrônica ganha fôlego na conjuntura da chamada escola culturalista no contexto de estudos antropológicos norte-americanos. Nesse âmbito, o método etnográfico é identificado como procedimento de investigação científica da antropologia, com base em pesquisas de campo prolongadas. Um dos temas preferenciais diz respeito aos fenômenos migratórios internacionais ou internos. Tema que desafia a intelectuais influenciados pelo culturalismo ao estudo das mudanças culturais, em especial no movimento do campo para a cidade ou da imigração por razões de ordem econômica ou política.

Obras como a de Oscar Lewis, intitulada *The Children of Sanchez, autobiography of a Mexican family*, de 1961, a de W. I. Thomas, autor de *The Polish Peasant in Europe and America*, em coautoria com Florian Znaniecki, com base em relatos autobiográficos (correspondência familiar, arquivos, cartas institucionais, etc.), e a própria obra de Franz Boas já apontam para a importância do relato biográfico, seja tendo por método a considerada história de vida, seja a narrativa biográfica, estratégias que serão criticamente reconsideradas pela sociologia reflexiva e pela antropologia interpretativa nos anos 80 e 90. Assim, tanto na antropologia culturalista norte-americana quanto na emergente sociologia norte-americana, identificada como Escola de Chicago, a biografia se consolida como técnica de pesquisa privilegiada da pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa, como burocraticamente passou a ser definida nos currículos de cursos de sociologia e antropologia, ou simplesmente ciências sociais, concretiza-se como crítica às técnicas de medição de opiniões ou de uma pesquisa quantitativa ideologicamente analisada com vestígios conservadores e preconceituosos.

Nesse movimento definido como de crítica ao empiricismo, intelectuais tanto da sociologia reflexiva quanto da antropologia crítica e interpretativa que se radicam desde os anos 70, revelam a importância das técnicas de entrevista que permitam a expressão autoral de interlocutores. As bases técnicas são oriundas dos estudos psicanalíticos e das teorias construtivistas. Michel Thiollent (1980), em seus estudos sobre a crítica metodológica e investigação social, retoma várias obras — como as de G. Michelat, J. Maître, C. Rogers, P. Bourdieu, E. Morin, J. Laplanche, J. Pontalis, entre outros — sobre a técnica da entrevista livre, não diretiva, com atenção flutuante. Essa técnica, ao permitir aos interlocutores a construção de suas subjetividades em ato, nos ensina sobre a trajetória dessa metodologia que favorece as biografias e autobiografias postuladas em ordens mais subjetivas, operando no inconsciente e na cognoscência de interlocutores(as) em interação com pesquisadores/as.

Na antropologia, o método etnográfico se abre como estratégia de relacionamento entre pesquisadores/as e seus/as interlocutores a partir de uma reflexão crítica sobre as alteridades em jogo que implicam considerações éticas de ordem institucional e pessoal, com consentimento esclarecido e firmado. Nas trocas operacionalizadas ao longo do tempo vivido da experiência etnográfica (e para além), “as narrativas biográficas são apreendidas como a maneira singular do sujeito cognoscente de interpretar experiências de vida numa ordenação temporal que lhe faça sentido, exteriorizando valores encarnados no cotidiano em sua forma singular de interagir nos diversos processos de socialização, de se relacionar nas redes múltiplas, evidenciando a complexidade das tramas geracionais vividas de inserção nos contextos sociais, da negociação dos papéis e performances demandados, da estruturação do eu (*self*) e do desempenho no ato comunicativo”. (Eckert e Rocha 2013: 120). Nesse ínterim, seguimos a etnografia da duração proposta por Eckert e Rocha (idem), sugerindo as narrativas biográficas como estudos da “ondulação dialética”, uma vez que é na reflexão sobre a construção da identidade social que se reconhecem os ritmos do cotidiano dos grupos de pertencimento, pela dinamização de sua memória sobre um passado e um presente que exprimem uma relação temporal vivida, como sugere Gaston Bachelard (1989: 76). A pessoa narra na sua memória a experiência pessoal de partilhar o tempo coletivo que se superpõe às rupturas: rememoram-se fatos e instantes que se superpõem à morte social.

Estamos no plano do relato de memórias, lembranças, sentimentos e afetos relacionados à narrativa de experiências contextualizadas que dimensionam os dramas da vida cotidiana e as continuidades e discontinuidades que configuram ser e estar no mundo social contemporâneo em seus antagonismos e contradições. As biografias e autobiografias trazem a dimensão das representações de si e do coletivo, como bem o supunha o conceito de fato social total de Marcel Mauss (2003), considerando tanto as dimensões diacrônicas da vida social quanto as sincrônicas e biopsíquicas. Esse conceito revela a importância de se considerar as tradições culturais interiorizadas como valores e referências éticas de identidade de grupo.

Nesse contexto, torna-se igualmente importante reconhecer que as narrativas biográficas não se restringem apenas à palavra enunciada ou ao relato textual, mas frequentemente se organizam também através de imagens, gestos, objetos, arquivos, fotografias e fragmentos materiais da memória. É nesse horizonte que as reflexões de Etienne Samain oferecem contribuição decisiva para os estudos contemporâneos da memória e da narrativa. Ao propor que “as imagens pensam”, Samain (2012) desloca a imagem de sua condição meramente ilustrativa para compreendê-la como forma ativa de elaboração do tempo, da experiência e da existência social. A fotografia, o arquivo visual, os retratos familiares, os vestígios materiais e os acervos pessoais tornam-se, assim, dispositivos fundamentais de produção biográfica, permitindo aos sujeitos reorganizar lembranças, reelaborar ausências, reconstruir pertencimentos e reinscrever suas trajetórias na duração do mundo vivido.

Tal perspectiva aproxima-se igualmente das reflexões de Walter Benjamin (1987) acerca da memória como montagem e sobrevivência de fragmentos históricos bem como das formulações de Georges Didi-Huberman (2013) sobre a persistência das imagens e suas temporalidades múltiplas. As narrativas biográficas, autobiográficas e etnobiográficas não emergem, portanto, apenas como encadeamentos lineares de acontecimentos, mas como constelações de lembranças, silêncios, afetos e imagens que sobrevivem às rupturas do tempo. Em muitos contextos etnográficos, especialmente entre grupos historicamente subalternizados, racializados ou deslocados, as imagens e os arquivos pessoais operam como formas de resistência à invisibilização social e ao apagamento histórico, constituindo verdadeiros territórios de memória.

Sob esta perspectiva, as etnobiografias contemporâneas ampliam suas possibilidades metodológicas ao incorporar não apenas a escuta das narrativas orais,

mas também a atenção antropológica às visualidades, aos acervos familiares, às performances corporais e às materialidades afetivas que compõem a experiência social. A memória narrada e a memória visual tornam-se dimensões inseparáveis da construção do eu, da experiência coletiva e dos modos de habitar o tempo.

Outras importantes tradições intelectuais para os estudos de referência biográfica emergem no âmbito do interacionismo simbólico, como os estudos de Erving Goffman (2002) sobre a representação da pessoa na vida cotidiana que considera a perspectiva dramática e a importância da audiência na interação com as atuações discursivas e performáticas. Mas é certamente no contexto da Sociologia fenomenológica e da etnometodologia que encontramos o apoio epistemológico contundente para os estudos biográficos que colocam em alto relevo as experiências vividas no mundo cotidiano ou sociologia da vida cotidiana.

Oriunda da filosofia de Edmund Husserl, o sociólogo Alfred Schutz (da qual Thomas Luckmann foi um parceiro) (1973) se propõe ao estudo da construção da realidade social com base em escuta atenta de entrevistas abertas, permitindo aos autores se construírem como sujeitos de fala, alocações historicamente situadas que acabam por nos permitir a compreensão das lógicas de estruturas subjacentes como estruturas de poder e dominação. O maior ganho para o método biográfico na teoria de Schutz é a base intersubjetiva das relações sociais, incluindo a relação de troca entre pesquisadores e interlocutores.

Como postula Hermílio Santos em artigo neste número temático, e com apoio na obra de Alfred Schutz, adotar como metodologia a experiência biográfica de pesquisados implica conceder ao indivíduo um *status* de ator que interpreta os “objetos” com os quais está confrontado (pessoas, ideias, acontecimentos, valores etc.), a fim de se posicionar no mundo e, com isso, estabelecer seu próprio roteiro de ação, ainda que dentro de enquadramentos que escapam à sua definição. O pressuposto aqui é de que o ator social não é um mero internalizador de normas e de significados socialmente difundidos; ao contrário, esse ator é um agente consciente e responsável pela adoção ativa de códigos normativos na interpretação da realidade social.

Nos termos de Schutz, a relação intersubjetiva de pesquisadores/as e interlocutores/as significa que é captado a subjetividade do alter ego ao mesmo tempo que vivo o meu próprio fluxo de consciência, ou seja, a maneira como é possível compreender reciprocamente as consciências em interação, a maneira como se

relacionam intersubjetivamente umas com as outras. Desta feita não há relato biográfico ou autobiográfico, ou etnobiográfica, que não estime o mundo intersubjetivo, a vida social em suas formas interacionais e as experiências do passado, considerando, no âmbito dos estudos de memória coletiva (Halbwachs, 1984), o mundo vivido de experiências anteriores e projeções de continuidade orientados pela linguagem compartilhada que lhes permite socializar e criar mais vida. Assim como é com base na intersubjetividade que experiências intergeracionais são transmitidas na dimensão narrada. Compartilhamos não somente a experiência espacial, mas igualmente a temporal do mundo coletivo.

Da mesma forma, a etnometodologia nos traz subsídios para os estudos com base etnográfica e/ou empírica de etnobiografias que têm no intelectual Harold Garfinkel (1967) uma referência (entre outros). Nessa perspectiva, os sujeitos conceitualizam suas experiências de pertencimento sociocultural e apontam para os processos de objetivação da vida social aos quais estão submetidos. Isso ocorre sem descartar seu mundo intelectual e imaginário, que permite a reflexão de si nesse processo social, estrutural e organizacional.

Se este percurso intelectual nos aponta algumas tradições teóricas e metodológicas para o recurso da narrativa biográfica, biografia e etnobiografia para estudos empíricos, objetivamos apresentar artigos que ofereçam resultados de pesquisas qualitativas. Neste número, temáticos são os campos antropológico e sociológico que privilegiamos, mas também consideramos estudos oriundos de área correlatas como a da educação e da comunicação. Nosso objetivo foi o de trazer estudos biográficos para qualificar a representação que as pessoas fazem de si na sua relação com a vida cotidiana, com os espaços praticados e com as memórias vividas como caminhos possíveis para a compreensão da realidade social.

Leitores e leitoras podem aqui considerar a diversidade de experiências de construção de relatos ou narrativas biográficas, trajetórias de vida e etnobiografias, apreciando as múltiplas escolhas teóricas e conceituais inspiradas por um vasto campo de intelectuais, que configuram diversas interpretações de comunidades disciplinares.

Por fim, agradecemos ao trabalho dedicado da bolsista Isabela Artioli, responsável pelas atividades cotidianas da revista e a diagramação final e agradecemos ao Felipe da Silva Rodrigues pela montagem das imagens na capa. As fotografias da capa são de autoria de Cornelia Eckert e de Felipe Stella.

Referências

- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A imagem sobrevivente. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza C. Etnografia da duração. Porto Alegre, Marcavíslua, 2013.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1967.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Papirus, 1984.
- LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *Faire de l'Histoire I Nouveaux problèmes*. Paris, Gallimard, 1974.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac Naify, 2003.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* Tomo I. São Paulo, Papirus, 1994.
- SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. São Paulo: Papirus, 2012.
- SCHUTZ, Alfred y LUCKMANN, Thomas. *The structure of the Life World*. Evanston III, NUP, 1973.
- SCHUTZ, Alfred; LUCKMAN, Thomas. *The Structures of the Life World*. Northwestern University Press, 1973.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1980.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Crédito das imagens da capa

Cadeira de balanço - Foto de Cornelia Eckert. Xangri la, RS, Brasil, 10 de janeiro de 2020.

Os Olhos na Cortina - Foto de Cornelia Eckert de 18 de novembro de 2019, Centro Pompidou, Paris, França. Instalação na exposição de Christian Boltanski. Faire Son Temps.

Vó Santa: ensaio fotográfico no âmbito do projeto Antropologia Visual. 1999. Iniciação Científica. (Graduando em Jornalismo) - Foto de Felipe Stella. Porto Alegre, RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Orientador: Cornelia Eckert. Acervo BIEV.